

Discurso na solenidade de assinatura de convênio entre o Ministério das Comunicações e o BNDES para a reestruturação e a desestatização de empresas de telecomunicações

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 4 DE FEVEREIRO DE 1997

Senhores Governadores da Paraíba, do Maranhão; Meu amigo Albano Franco, Governador de Sergipe – isso ele não recusa, da amizade ele não reclama; Senhor Senador Fernando Bezerra, Presidente da Confederação Nacional da Indústria; Senhor Senador Serra; Senhores Deputados que aqui se encontram; Senhores Empresários; Senhor Presidente do BNDES; Senhores e Senhoras,

Depois dessa apresentação tão entusiasmada e entusiasmante do Ministro Sérgio Motta, ratificada pelo Presidente do BNDES e abençoada pelo Ministro do Planejamento, não cabe a mim senão agradecer.

Muitas vezes, eu fico me perguntando se tudo isso que é desenhado corresponde ao que vai acontecer. O fato é que está correspondendo. O fato é que nós estamos assistindo, efetivamente, às coisas acontecerem e que os cuidados – como foram aqui já ressaltados –, que são necessários para a definição dessas linhas de reorganização do Estado, desse processo de privatização, são cuidados necessários e não são impeditivos de um desempenho a contento.

Eu tenho muita confiança nesse processo da área de telecomunicações, assim como tenho em outros setores do Governo. Acho que essa parceria que estamos firmando, agora, entre o Ministério das Comunicações e o BNDES, e portanto, o Ministério do Planejamento, é um caminho muito promissor para que nós possamos, antes mesmo de que existam todas as condições – a aprovação pelo Congresso é essencial – dos mecanismos jurídicos, que vão permitir adiantar esse processo, nós já estamos nos preparando para, quando o Congresso – e eu tenho certeza de que o Congresso não faltará ao Brasil – vier a definir as normas gerais, já encontrará o Congresso o caminho aplainado, em termos da efetivação daquilo que está sendo proposto.

E o que se faz não é uma antecipação de decisões do Congresso. Prepara-se apenas o terreno. O Congresso terá toda a liberdade, como é óbvio, de pôr e dispor. Mas vai pôr e dispor do mesmo jeito que o Executivo: em benefício do Brasil. Por isso mesmo, nós estamos permanentemente em diálogo com o Congresso, para que as decisões não sejam objeto de uma disputa desnecessária entre poderes, senão que seja convergência entre poderes, que estão totalmente imbuídos do mesmo objetivo, que é essa transformação do Brasil.

Eu não quero me estender, como disse. Quero apenas reafirmar que essa transformação da própria estrutura do Estado, que está em marcha, é fundamental para que o Brasil, no próximo século, possa competir de maneira aberta e conseqüente. Só se compete de maneira aberta e conseqüente, quando há preparação para essa competição. É o que nós estamos fazendo.

O Ministro Sérgio Motta – ainda bem que não é das Relações Exteriores – disse aqui algo que é verdadeiro: não há o que cobrar do Brasil nessa matéria, não há o que cobrar. Não há o que cobrar, porque nós estamos fazendo com seriedade, com as preocupações aqui já expostas, mas nós estamos avançando numa velocidade que, comparativamente com outros países, é maior, é bem maior. Países que, muitas vezes, são apontados como aqueles que foram – e foram mesmo – pioneiros em certas direções, mas que têm encontrado mais dificuldades e mais entraves para a sua transformação do que o nosso país.

Acho que, em certos momentos, é preciso colocar as coisas como elas são. Nós não temos porque estar de cabeça baixa, temerosos de não estarmos cumprindo a agenda tal ou qual. A agenda é nossa. O tempo, nós é que somos os senhores do tempo, no que diz respeito aos interesses do Brasil. E vamos utilizar esse tempo com propriedade, não com velocidade, mas com propriedade e na velocidade necessária, para que o objetivo, que é o interesse nacional e popular, seja realmente garantido.

Isso não se diz como palavra retórica para esconder a inércia. Diz-se para mostrar que nós somos responsáveis pelo que fazemos e, portanto, fazemos com muita convicção as transformações que estamos operando.

Eu creio que não há nada a acrescentar, a não ser uma palavra de agradecimento. De agradecimento aos Ministros atuais; aos anteriores, no caso do Ministro Serra; à Chefia da Casa Civil, que tem cooperado estreitamente nisso, nesse processo de transformação; ao BNDES; e, especialmente, no caso do Ministério das Comunicações, ao conjunto dos funcionários e técnicos, porque nós sabemos avaliar as dificuldades.

Nós sabemos que, com a escassez de recursos, até humanos, existente no Brasil, não é fácil estar à altura do desafio que está sendo colocado. Isso só se consegue com muito sacrifício, com muito suor e com muitas horas de trabalho, que nem sempre são conhecidas e, muito menos ainda, reconhecidas.

Embora eu não tenha a oportunidade de externar a cada instante, nem deva, o meu reconhecimento pelo esforço enorme que a máquina pública está fazendo – e estendo isso ao BNDES também – para a sua transformação, eu acho que é de justiça dizer que quem está levando adiante essa transformação são os próprios funcionários do Governo, acrescidos, naturalmente, dos setores políticos que a ela são diretamente ligados. De modo que aqui não se trata, pura e simplesmente, de *tabula rasa* com o passado, trata-se de uma continuidade.

Eu quero também dizer que o Ministro Sérgio Motta mencionou que o caminho de convergência no qual nós nos encontramos significou percursos diferentes. Mesmo os regimes militares, na área de comunicações, tiveram um papel extremamente positivo, que é preciso reco-

nhecer, porque foram eles que deram os passos preparatórios da possibilidade que nós, hoje, temos de um avanço maior.

A história não se refaz ao sabor de cada eventual ocupante de governo. A história é alguma coisa à qual nós todos temos que estar sempre muito ligados, com o sentido de humildade, para entender que, se hoje nós estamos modificando, não é porque começamos da estaca zero, mas é porque houve um amadurecimento e uma consciência nacional, que certamente vêm de mais longe, e de bem mais longe do meu governo.

Agradeço muito a todos os senhores a presença.

Muito obrigado.